

Traumas na infância e regulação emocional na vida adulta

Ana Laura de Pina Reis M. Suzana

Marielen Soares Fernandes

Centro Universitário de Anápolis - UNIEVANGÉLICA

Ana Laura de Pina Reis M. Suzana

Marielen Soarea Fernandes

Resumo

Introdução: O trauma na infância causa graves problemas ainda na infância, como culpa, desregulação emocional, alterações na personalidade, além de ser um fator de risco para que desenvolvam transtornos mentais na vida adulta. Diversos estudos apontam que transtornos psiquiátricos em adultos podem ter relação com algum tipo de trauma na infância, assim, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura sobre os efeitos das violências sofridas na infância na vida adulta, incluindo possíveis Transtornos de Personalidade, Traumas e outros transtornos. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, bem como uma pesquisa descritiva, realizada através do Método PRISMA. A pesquisa utilizou a base de dados PubMed e a SciELO, visando uma amplitude dos dados, utilizando os descritores: psychopathology; adulthood; childhood trauma. **Resultados:** Com a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, selecionou-se 12 artigos ao total, que tratam do trauma infantil associado a psicopatologias entre adultos “comuns”, e até mesmo entre encarcerados e imigrantes. **Discussões.** Conforme os artigos avaliados, o trauma infantil possui uma ligação direta com diferentes transtornos na idade adulta, como bipolaridade, depressão, ansiedade, transtorno do pânico, transtorno alimentar, estresse, em diversos adultos. **Considerações finais:** Há uma necessidade que psicólogos e outros profissionais da saúde mental investiguem a vida passada de seus pacientes, a fim de identificar traumas na infância, considerando o impacto que estes possuem nas psicopatologias da vida adulta.

Palavras- Chave: Psicopatologia. Vida adulta. Trauma infantil.

Introdução

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016), a violência infantil inclui maus-tratos físicos ou emocionais, abuso sexual, negligência, exploração comercial de qualquer tipo, ou seja, qualquer ação que acarrete em prejuízos reais ou potenciais para a saúde.

Quando acontecem situações traumáticas na infância, é comum que características de culpa, dissociação, alterações na personalidade, desregulação emocional se manifestem, sendo um fator de risco muito importante para a presença de transtornos mentais na vida adulta, podendo ressaltar também os cuidados parentais insuficientes, histórico de doença mental na família, traumas (abuso físico, emocional ou negligência física ou emocional) e abuso sexual na infância, este sendo apontado como grande fator predisponente de psicopatologia na vida adulta, podendo assim torna-se mais suscetível ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade, depressão e abuso de substâncias (Pupo, 2019).

Historicamente a violência psicológica ou emocional, quando comparada com a violência física, apresenta maior impacto nas crianças, no entanto, o abuso sexual é o tipo de violência com maior impacto no risco de desenvolver traços de personalidade violentos. Nos achados de Conceição (2015), observaram que pessoas que sofreram abuso sexual na infância apresentaram níveis mais altos de presença de transtorno de estresse pós-traumático.

Os maus-tratos na infância geram uma preocupação crescente no Brasil, e podem ser divididos entre: negligência, física, educacional, emocional, abandono, sevícias ou abuso físico, abuso psicológico e abuso sexual. Essas situações são a primeira causa de morte na faixa etária de 5 a 19 anos, e isso indica que, no Brasil, as crianças morrem mais por maus-tratos do que por doenças físicas. Além disso, essas situações estão estreitamente relacionadas a sintomas e transtornos mentais na vida adulta. Portanto indicam que o trauma na infância acarreta sérias consequências tanto na vida do indivíduo como para a sociedade como um todo (Pires & Miyazaki, 2005 como citado em Figueiredo, 2013, p. 482).

Quando falado em maus-tratos na infância, a estimativa é que existe um fator de risco que predispõem para a presença de transtorno mental na vida adulta, os artigos selecionados corroboram a mesma afirmativa, salientando ainda que esses traumas fazem com que o indivíduo desenvolva uma capacidade diminuída de identificação e controle de humor. Assim, reforça-se a ideia de que o trauma na infância torna o indivíduo vulnerável, de maneira geral, na vida adulta (Monteiro, 2010 como citado em Figueiredo, 2013, p. 490).

Conforme explica o estudo de Zavaschi et al. (2002), outra consequência que pode ser adquirida é a depressão, entre as causas que mais são associadas à depressão na vida adulta, encontra-se a exposição a eventos estressores na infância, como a separação ou divórcio, o abandono, a morte dos pais, negligência infantil, entre outros.

Vários estudos apontam que transtornos psiquiátricos em adultos podem ter relação com algum tipo de trauma na infância. Porém a dimensão do problema é variável, visto que os estudos ainda são inconclusivos sobre tais impactos e as amostras podem variar de acordo com o trauma sofrido.

Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura sobre os efeitos das violências sofridas na infância na vida adulta, incluindo possíveis Transtornos de Personalidade, Traumas e outros transtornos. Além disso, possui os seguintes objetivos específicos: I. Examinar na literatura as influências dos traumas infantis nos sintomas psicopatológicos na vida adulta; II. Descrever os principais estudos sobre o tema; III. Identificar as principais psicopatologias descritas na literatura, decorrentes da violência na infância.

Com este estudo é possível investigar quais as variáveis que mais influenciam no desenvolvimento e na vida adulta do indivíduo com histórico de violência, negligência, abusos e abandono no decorrer da vida, assim como as consequências psicológicas e físicas que podem ser acarretadas.

Método

O estudo é caracterizado como uma revisão sistemática de literatura, além de uma pesquisa descritiva. Conforme Ercole et al. (2014), a revisão sistemática se trata de um método de pesquisa realizada através de dados já existentes, visando sintetizar os resultados encontrados em outras pesquisas de mesma temática, de modo a esgotar tal fonte de dados sobre esse tema, de forma sistemática, ordenada e abrangente.

A pesquisa descritiva, conforme Prodanov e Freitas (2013), é aquela que busca uma descrição, análise e verificação entre os fatos e fenômenos, realizando investigações detalhadas em busca de um melhor entendimento referente às causas e consequência da temática pesquisa. Na área da saúde, Hochman et al. (2005) afirma que esse é um tipo de pesquisa utilizado para a descrição de patologias e procedimentos.

A pesquisa é apresentada através do Método PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises), que segundo Sack (1996) consiste em um checklist apresentando os principais resultados dos dados encontrados nos diversos artigos.

Procedimentos

Considerando que esta é uma revisão sistemática de literatura, realizada através de uma pesquisa profunda em todos os artigos publicados que tratam da mesma temática encontrados em algumas bases de dados, não houve, portanto, uma abordagem ou intervenção direta a seres humanos, dispensando a necessidade de submissão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, conforme determina a Resolução nº 466 de 2012. Apesar disso, todos os aspectos éticos e de direitos autorais foram respeitados.

Assim, a realização da pesquisa ocorreu de forma direta. Trata-se de uma revisão sistemática integrativa referente à uma temática já explorada, no entanto com algumas limitações bibliográficas, desse modo, optou-se por uma busca em duas base de dados, sendo uma nacional e uma internacional, tanto para uma redução de vieses, quanto para aumentar o embasamento teórico, bibliográfico e contribuição à temática, seguindo os sete passos indicados pelo Centro Cochrane para uma revisão sistemática.

A busca foi realizada inicialmente no PubMed, um serviço da U. S. National Library of Medicine (NLM), que possui sua maior componente a base de dados Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica – MEDLINE, que contempla dados de reconhecimento internacional voltado à saúde. Apesar dessa base de dados contemplar estudos internacionais e de grande qualidade para estudos de revisão integrativa, também buscou-se por publicações que englobam dados nacionais, e por esse motivo, a pesquisa foi complementada com dados nacionais da base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), uma vez que a mesma é muito comum e popular no que tange à pesquisas bibliográficas no país.

Apesar de buscar dados em duas bases, os mesmos foram limitantes através dos descritores, especialmente através da combinação destes. Trata-se de uma temática explorada, no entanto com achados limitantes. Assim, houve uma dificuldade em correlacionar descritores, tanto dentro de uma base de dados, quanto nas três bases. A primeira pesquisa foi no PubMed, por considerar que trata-se de uma base de dados internacionais. E por mais que a temática se refere à regulação emocional na vida adulta após traumas na infância, não obteve-se muito êxito em uma busca com o descritor “regulação emocional” ou no inglês “*emotion regulation*”, especialmente ao correlacionar com outros descritores referentes ao tema, como “traumas infantis (inglês *childhood traumas*), transtornos de personalidade (inglês *personality disorders*), vida adulta (inglês *adulthood*). Além disso, não houve muito êxito em

buscas com os descritores relativos aos transtornos de personalidade, transtornos de humor, uma vez que traumas na infância pode causar outros tipos de transtornos, assim, a busca foi mais satisfatória em generalizar pela área das psicopatologias, visto que se trata do estudo de diversas desordens. O mesmo ocorreu para a base de dados SciELO.

Nesse sentido, a busca no PubMed obedeceu aos descritores: psychopathology; adulthood; childhood trauma. E as buscas no portal SciELO obedeceram aos mesmos descritores, no entanto traduzidos para o português, sendo: Psicopatologia, vida adulta e trauma infantil.

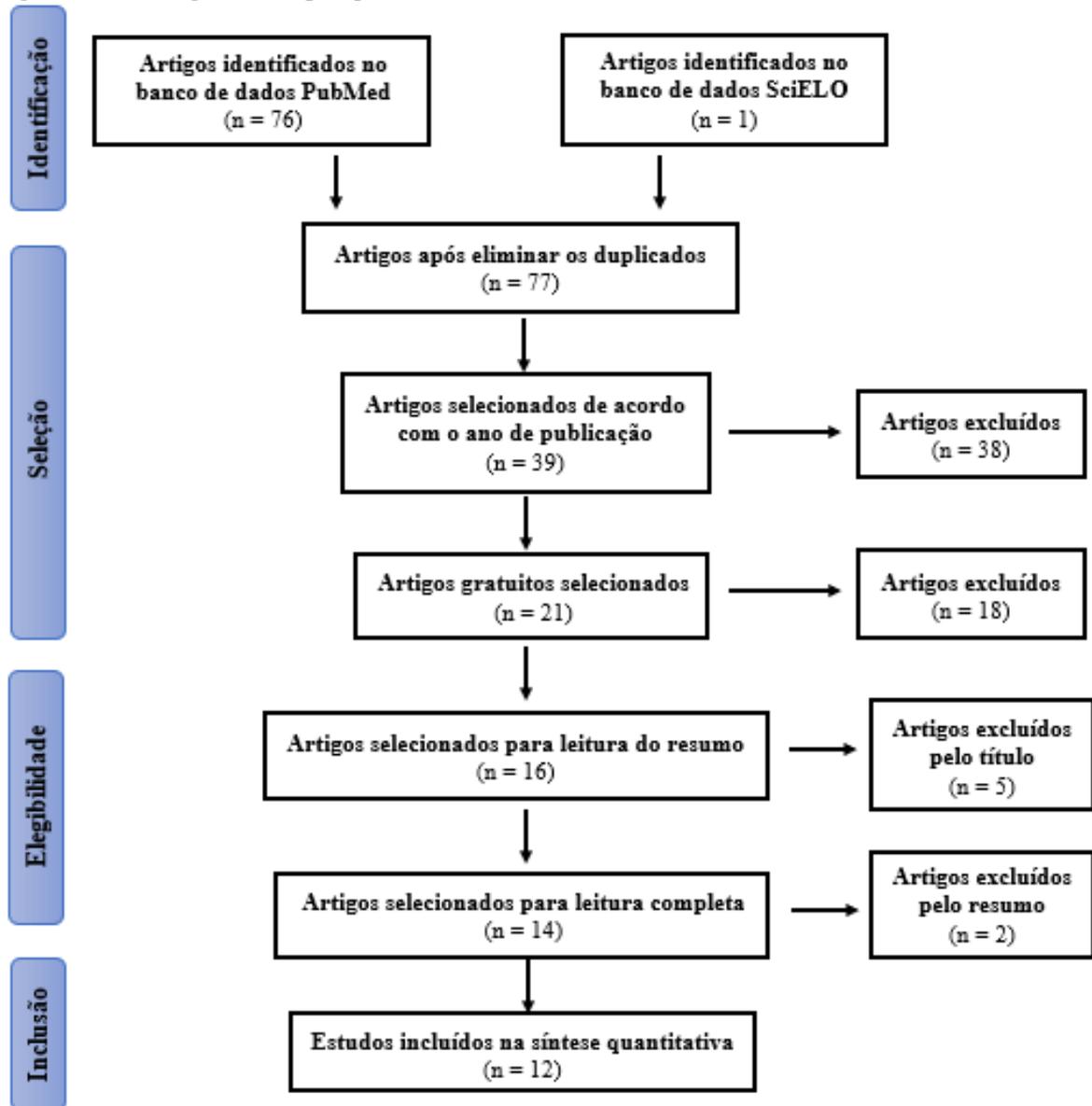
Para a seleção dos artigos, utilizou-se os seguintes critérios de inclusão: artigos disponíveis completos e na íntegra, estudos publicados nos últimos cinco anos, artigos que tratem de algum transtorno ou algum trauma (abuso físico; sexual; emocional; negligência física/emocional) na infância e correlacione com psicopatologias na vida adulta. E os seguintes critérios de exclusão: artigos disponíveis de forma paga, resumos, artigos que abordam a relação entre traumas na infância e psicopatologias na vida adulta com dados da neurociência que não esclarecem diretamente para a psicologia, artigos publicados em ano anterior a 2016, artigos com menos de duas páginas, artigos de revisão de literatura.

Resultados

A busca inicial no PubMed resultou em 76 artigos encontrados, enquanto que no SciELO foi somente um artigo. Após a aplicação do critério de exclusão referente aos artigos publicados há mais de 5 anos, a busca limitou-se em 37 artigos no PubMed, e 1 artigo no SciELO. Após a aplicação dos outros critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 11 artigos no PubMed, e 1 artigo no SciELO, resultando em um total de 12 artigos.

A revisão integrativa através das plataformas PubMed e SciELO obedeceu ao fluxograma apresentado na figura 1, com a seleção de um total de 12 artigos.

Figura 1 - Fluxograma da pesquisa.



Fonte: Autoras (2021).

Após a seleção e leitura na íntegra de todos os artigos selecionados, elencou-se os principais resultados, conforme destacado no quadro 1.

Artigo	Referência	Base de dados	Revista	Principais resultados
Childhood maltreatment and poor functional outcomes at the transition to adulthood: a comparison of prospective informant- and retrospective self-reports of maltreatment	Latham et al. (2021)	PubMed	Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol.	Maus-tratos na infância foram associados a piores resultados funcionais, independentemente de terem sido relatados apenas respectivamente, apenas retrospectivamente ou ambos. Associações mais fortes com desvantagem psicossocial surgiram no contexto de recordação retrospectiva pelos participantes do que relatos prospectivos por informantes de maus-tratos. Por outro lado, as associações com desvantagem profissional foram comparáveis tanto para relatos de informantes prospectivos e auto relatos retrospectivos de maus-tratos.
Trait anger expression mediates childhood trauma predicting for adulthood anxiety, depressive, and alcohol use disorders	Win et al. (2021).	PubMed	J. Affect Disord.	O maior trauma na infância prediz significativamente a expressão da raiva, traço, transtorno depressivo maior, e a gravidade de transtorno do pânico na idade adulta.. Indivíduos maltratados durante a infância têm maior probabilidade de experimentar raiva disposicional, além disso, indivíduos com exposição precoce a maus-tratos que também são predispostos à sensibilidade à ansiedade e reatividade emocional negativa podem estar em maior risco de desenvolver sintomas posteriores de transtorno do pânico e transtorno depressivo maior.
Associations Between Trauma, Early Maladaptive Schemas, Personality Traits, and Clinical Severity in Eating Disorder Patients: A Clinical Presentation and Mediation Analysis	Meneguzzo et al. (2021).	PubMed	Front Psychol.	Pacientes com história de trauma apresentaram escores de sintomatologia física e psicológica mais elevados, com perfil clínico mais prejudicado em pacientes com exposição ao trauma na infância e na idade adulta. Experiências de trauma estão associadas a sintomatologia clínica mais grave com transtorno alimentar e podem precisar de uma avaliação específica em pacientes com tratamentos padrão ambulatoriais que falharam, principalmente pacientes com trauma na infância.
Childhood trauma and dysregulation of multiple biological stress systems in	Kuzminskait e et al. (2020)	PubMed	Psychoneuro endocrinology	O estudo realizado com uma amostra de 2.778 participantes, verificou que 1.330, ou 47,9%, possuem histórico de pelo menos um tipo de trauma na infância, e destes, 1.178, ou 88,6% possuíam transtorno depressivo e/ou de ansiedade atual ou em remissão. Apesar disso, foram

<p>adulthood: Results from the Netherlands Study of Depression and Anxiety (NESDA)</p>				<p>encontradas poucas evidências de que o trauma na infância esteja significativamente associado à atividade dos sistemas de estresse separados ou cumulativos na idade adulta, com exceção dos casos de trauma grave, onde nestes, há uma associação ao estresse cumulativo.</p>
<p>Resilience, trauma, and hopelessness: protective or triggering factor for the development of psychopathology among migrants?</p>	<p>Gambaro et al. (2020)</p>	<p>PubMed</p>	<p>BMC Psychiatry</p>	<p>Os resultados do estudo com 119 migrantes verificaram que 42,37% possuem depressão e 38,98% possuem ansiedade, além disso, 56,78% sofreram abuso físico na infância e 69,49% sofreram negligência. A migração por si só já é um acontecimento com impacto adverso na saúde mental, e imigrantes com episódios de trauma na infância possuem uma associação com desesperança, baixa resiliência e estresse pós-traumático, o que leva ao desenvolvimento de depressão ou ansiedade em idade adulta, além de comportamento suicida e agressividade.</p>
<p>Dissociative Symptoms and Self-Reported Childhood and Current Trauma in Male Incarcerated People with Borderline Personality Disorder - Results from a Small Cross-Sectional Study in Iran</p>	<p>Golshani et al. (2020)</p>	<p>PubMed</p>	<p>Neuropsychiatr Dis Treat</p>	<p>Ao avaliar 69 encarcerados com transtornos de personalidade limítrofes, avaliou-se uma taxa de 81,2% de trauma infantil e 88,4% de trauma na idade adulta. Traumas mais altos na infância foram estatisticamente associados a traumas na idade adulta, no entanto os transtornos de dissociação não foram estatisticamente e não linearmente, relacionados ao trauma da infância, ao trauma da idade adulta e à idade.</p>
<p>Childhood Physical Neglect Is Associated With Exaggerated Systemic and Intracellular Inflammatory Responses to Repeated Psychosocial Stress in Adulthood</p>	<p>Schreier et al. (2020).</p>	<p>PubMed</p>	<p>Front Psychiatry</p>	<p>O estudo com 44 adultos saudáveis, revelou que negligência física na infância, mesmo em níveis relativamente moderados, têm o potencial de resultar em respostas exageradas da expressão de genes inflamatórios e inflamatórios no plasma ao estresse psicossocial agudo. Além disso, ao adicionar o exame dessas respostas fisiológicas após a exposição repetida ao mesmo estressor psicossocial, foi possível examinar as diferenças na habituação ao estresse psicossocial repetido, que tem implicações importantes para indivíduos com histórico de maus-tratos na infância.</p>

<p>Negative Schema and Rumination as Mediators of the Relationship Between Childhood Trauma and Recent Suicidal Ideation in Patients With Early Psychosis</p>	<p>Cui et al. (2019)</p>	<p>PubMed</p>	<p>Observational Study</p>	<p>O estudo com 314 pacientes adultos com psicose precoce demonstrou que 90,1% experimentou pelo menos 1 evento traumático na infância. As taxas de punição física significativa, abuso emocional e eventos sexuais foram 37,3%, 35,6% e 6,4%, respectivamente. As taxas de ideação e tentativas suicidas recentes foram de 32,0% e 10,0%, respectivamente. Os preditores independentes de ideação suicida recente incluíram depressão, esquema negativo e ruminação. Além disso, o esquema negativo e a ruminação desempenharam papéis mediadores parciais ou totais na relação entre o trauma da infância e a recente ideação suicida.</p>
<p>Measuring childhood maltreatment to predict early-adult psychopathology: Comparison of prospective informant-reports and retrospective self-reports</p>	<p>Newbury et al. (2018).</p>	<p>PubMed</p>	<p>J. Psychiatr. Res.</p>	<p>Os relatos prospectivos e retrospectivos de maus-tratos foram associados a problemas psiquiátricos aos 18 anos, embora as associações mais fortes tenham sido encontradas quando os maus-tratos foram relatados retrospectivamente. Essas descobertas indicam que relatórios prospectivos e retrospectivos de maus-tratos na infância capturam grupos de indivíduos em grande parte não sobrepostos. Os jovens adultos que se lembram de ter sido maltratados apresentam um risco particularmente elevado de psicopatologia.</p>
<p>Depressive Symptoms and Addictive Behaviors in Young Adults After Childhood Trauma: The Mediating Role of Personality Organization and Despair</p>	<p>Fuchshuber et al. (2018).</p>	<p>PubMed</p>	<p>Front Psychiatry.</p>	<p>A influência do trauma da infância nos comportamentos de dependência foi mediada pelo Déficit Estrutural, enquanto a sua influência nos Sintomas Depressivos foi mediada pelo Desespero. Além disso, os comportamentos de dependência parecem ser mais fortes representados nos homens. As relações do trauma infantil com as emoções primárias e a organização da personalidade são caminhos válidos para compreender o surgimento do vício e da depressão.</p>
<p>Childhood maltreatment and adult medical morbidity in mood disorders: comparison of</p>	<p>Hosang et al. (2018)</p>	<p>PubMed</p>	<p>Br. J. Psychiatry</p>	<p>Qualquer tipo de maus-tratos na infância, abuso infantil e negligência infantil foram significativamente associados à carga médica no transtorno bipolar, mas não na depressão unipolar ou nos controles. Essas associações funcionam de forma dose-resposta, em que participantes com transtorno bipolar com história de dois ou mais tipos de maus-tratos na</p>

unipolar depression with bipolar disorder				infância tinham as maiores chances de ter uma doença médica em relação àqueles sem essa história ou que relataram uma forma. Nenhum desses padrões de dose-resposta significativos foram detectados para participantes com depressão unipolar ou controles.
Repercussões do trauma na infância na psicopatologia da vida adulta	Waikamp & Serralta (2018).	SciELO	Ciências Psicológicas	Os resultados apontam que todos os traumas infantis vivenciados pelos pacientes, como negligência emocional, negligência física, abuso emocional e abuso sexual, influenciam de forma significativa no nível de sofrimento psicológico atual, havendo principalmente diagnóstico de obsessões-compulsões e depressão.

Discussão

Latham et al., (2021) realizaram um estudo sobre maus-tratos na infância e mais resultados funcionais na transição para a idade adulta, fazendo uma comparação de relatos de maus-tratos de informantes prospectivos e retrospectivos com 2.054 participantes. O estudo revelou que as chances de resultados funcionais ruins aos 18 anos foram elevadas entre os indivíduos com relatos de maus-tratos na infância, independentemente de os maus-tratos terem sido relatados prospectivamente ou retrospectivamente. Auto-relatos retrospectivos de maus-tratos na infância produziram associações significativamente mais fortes com desvantagem psicossocial do que relatos de informantes prospectivos (indicados por intervalos de confiança não sobrepostos). As chances de resultados funcionais ruins foram elevadas entre os indivíduos que sofreram maus-tratos na infância, independentemente de terem relatórios concordantes (ambos os tipos de relatório) ou discordantes (apenas um tipo de relatório) de maus-tratos. Indivíduos com um auto-relato retrospectivo de maus-tratos, mas nenhum relato de informante prospectivo correspondente, tinham chances significativamente elevadas de desvantagem psicossocial em comparação com aqueles com apenas um relato prospectivo de maus-tratos. A comparação de indivíduos com relatos concordantes de maus-tratos com aqueles que tiveram relatos discordantes revelou uma probabilidade reduzida de desvantagem psicossocial aos 18 anos entre aqueles cujos maus-tratos foram relatados apenas prospectivamente. Por outro lado, ter apenas um auto-relato retrospectivo de maus-tratos não alterou significativamente as chances em comparação com os dois tipos de relato. Ou seja, as chances associadas à desvantagem profissional eram cerca de duas vezes maiores para aqueles indivíduos expostos a qualquer tipo de maus-tratos na infância, independentemente de terem sido relatados apenas respectivamente, apenas retrospectivamente ou ambos.

Em um estudo semelhante, Newbury et al. (2018) buscaram medir maus-tratos na infância de modo a prever psicopatologia no adulto precoce, por meio de relatos de informantes prospectivos e auto-relatos retrospectivos de maus-tratos na infância. O estudo revelou que os participantes que foram maltratados durante a infância são significativamente mais propensos a ter uma variedade de problemas psiquiátricos no início da idade adulta, incluindo depressão, ansiedade, comportamento autolesivo, dependência de álcool/cannabis e transtorno de conduta. Os auto-relatos retrospectivos demonstraram associações mais fortes

com problemas psiquiátricos, e chances particularmente altas de psicopatologia foram encontradas entre os participantes que relataram várias formas de maus-tratos. Um ponto importante avaliado indica que a ligação entre maus-tratos e formas afetivas de psicopatologia dependia de se os maus-tratos na infância eram lembrados no início da idade adulta, ou seja, indivíduos maltratados que se lembravam de ter sido maltratados corriam maior risco de problemas afetivos do que indivíduos maltratados que haviam esquecido (ou optaram por não revelar) esses maus-tratos.

Win et al. (2021) buscaram investigar se a gravidade da exposição a maus-tratos na infância previa transtorno depressivo maior na idade adulta, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno do pânico e transtorno por uso de álcool. Os resultados apontam que a expressão de raiva, traço interno e traço externo mediaram significativamente as relações entre o trauma da infância e a gravidade dos sintomas de transtorno depressivo maior, transtorno de pânico e transtorno por uso de álcool na idade adulta. Os dados apoiam as teorias psicossociais de maus-tratos na infância, que propõem que indivíduos fisiologicamente sensíveis com deficiências na regulação de alta intensidade, raiva de baixo limite (por exemplo, autocensura, dificuldades com auto consolação), podem lidar com estressores de relacionamento de várias maneiras desadaptativas que exacerbam problemas psiquiátricos. Ou seja, aqueles que são naturalmente mais fisiologicamente sensíveis experimentam maiores níveis de estresse e emoções negativas em resposta ao trauma em comparação com aqueles que são menos sensíveis, e suas reações intensas aos eventos traumáticos podem exacerbar sua reatividade emocional, levando a dificuldade de regulação e lidar com sua raiva no futuro. Essas afirmações são consistentes com a evidência de que maus-tratos e alterações biológicas frequentes na infância (por exemplo, acúmulo de cortisol, ativação do córtex pré-frontal embotado) coincidiram com comportamento impulsivo futuro maior e outros comportamentos emocionalmente desregulados.

Meneguzzo et al. (2021) realizaram um estudo quanto às associações entre trauma, esquemas desadaptativos precoces, traços de personalidade e gravidade clínica em paciente com transtorno alimentar, e entre 115 pacientes, 75,61% relataram algum evento traumático na infância, e estes tiveram uma profilaxia psicopatológica mais prejudicada em comparação com outros, relatando psicopatologia e sintomas psicológicos de transtorno alimentar mais graves e uma pior qualidade de vida. Há uma presença de uma pior qualidade de vida e um domínio psicossocial prejudicado em pacientes com transtorno alimentar com eventos

traumáticos, apoiando a importância de avaliar a história traumática em pacientes com transtorno alimentar. Os resultados aumentam as evidências sobre as relações entre o esquema cognitivo e a psicopatologia alimentar usando uma amostra clínica e corroborando a ideia de que o abandono, a desconfiança, o abuso, a privação emocional, o isolamento social e a deficiência, especialmente na infância, podem ser estratégias de enfrentamento disfuncionais que caracterizam os pacientes com transtorno alimentar e que podem ser levado em consideração, especialmente em pessoas com história traumática.

Kuzminskaite et al. (2020) realizam um estudo referente ao trauma infantil associado à desregulação de múltiplos sistemas de estresse biológico na idade adulta, e verificaram que 47,9% da amostra possuem histórico de pelo menos um tipo de trauma na infância, e destes, 88,6% possuíam transtorno depressivo e/ou de ansiedade atual ou em remissão. Apesar disso, foram encontradas poucas evidências de que o trauma na infância esteja significativamente associado à atividade dos sistemas de estresse separados ou cumulativos na idade adulta. Somente quando ampliando em indivíduos com trauma na infância grave em comparação com controles saudáveis sem trauma infantil, a desregulação da maioria dos sistemas de estresse foi observada, que se refere a níveis ligeiramente aumentados de marcadores do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal, marcadores de inflamação e marcadores cumulativos em todos os sistemas. Essas desregulações se deviam em parte aos padrões de tabagismo, IMC e doenças crônicas, indicando a relevância de se considerar o estilo de vida e a saúde ao interpretar o impacto do trauma na infância nos sistemas de estresse. O trauma na infância grave também foi mais fortemente associado aos marcadores de estresse cumulativo do que a maioria dos marcadores separados, sugerindo a importância de examinar as desregulações cumulativas. Os autores identificaram essa discordância dos resultados em comparação à literatura, podendo explicá-los em virtude de uma possível diluição dos resultados frente a amostra muito grande, ou até mesmo por fatores como a possível associação indireta e parcialmente explicada pelo estilo de vida pouco saudável, além do trauma também atingir mecanismos neurais, genéticos ou metabólicos.

Em um estudo semelhante, Schreier et al. (2020) avaliaram a associação da negligência física na infância a respostas inflamatórias sistêmicas e intracelulares exageradas ao estresse psicossocial repetido na idade adulta. Identificou-se que os sintomas depressivos foram significativamente correlacionados ao trauma infantil, bem como o abuso emocional e negligência emocional. A negligência física se destaca como um poderoso diferencial de

respostas inflamatórias e de expressão gênica a estressores psicossociais agudos, apesar de os dados do estudo não deixarem tão claro. Além disso, de forma especulativa, perante os resultados, os autores afirmam que é possível que a negligência física em particular reflita um ambiente doméstico geral no qual os indivíduos foram expostos a estressores generalizados e crônicos, como habitação não higiênica, falta de acesso a alimentos saudáveis, etc. Os indivíduos com histórico de maus-tratos na infância podem ser especialmente propensos a sofrer estressores frequentes durante a vida adulta, essa exposição combinada pode explicar em parte a saúde precária entre aqueles com histórico de maus-tratos na infância. Por exemplo, os efeitos das respostas inflamatórias alteradas após estressores agudos podem ser amplificados por maiores incidências de experiências de vida estressantes subsequentes.

Tanto no estudo de Kuzminskaite et al. (2020), quanto no de Schreier et al. (2020), os dados relativos aos traumas infantis, independente de quais, são relacionados ao estresse na idade adulta, por mais que os dados não sejam tão claros.

Gambaro et al. (2020) realizaram um estudo sobre a resiliência, desesperança e trauma na infância com associação ao desenvolvimento de psicopatologia entre imigrantes, e identificaram que de 119 imigrantes observados, 42,37% possuem depressão, 38,98% possuem ansiedade, 56,78% sofreram abuso físico na infância e 69,49% sofreram negligência. A migração já é um acontecimento com impacto adverso na saúde mental, especialmente em virtude à exposição a eventos traumáticos, estressores diários e empobrecimento. O fato de imigrantes ainda terem passado por eventos traumáticos na infância, o estudo verificou uma associação com a desesperança destes indivíduos, baixa resiliência e com transtorno de estresse pós-traumático. A desesperança e baixa resiliência acaba por ser um mediador entre as experiências traumáticas da infância e o desenvolvimento de depressão ou ansiedade em idade adulta, onde também apresentam comportamento suicida. Os sintomas de transtorno de estresse pós-traumático mediam para a relação entre as experiências traumáticas da infância e agressividade, depressão e ansiedade na idade adulta.

Golshani et al. (2020) buscaram relatar quanto sintomas dissociativos, trauma infantil e trauma atual, associado com homens encarcerados com transtorno de personalidade limítrofe, e ao analisarem 69 homens, identificaram que 81,2% sofreram trauma infantil, e 88,4% sofreram trauma na idade adulta. Identificou-se que as taxas de prevalência de traumas infantis autorreferidos seriam maiores em pessoas encarceradas do sexo masculino com DBP (transtornos de personalidade limítrofes) do que os valores dos dados normativos. Apesar

disso, os transtornos de dissociação não estão, necessariamente, e não linearmente, associados ao trauma da infância, ao trauma da idade adulta e à idade. Em contrapartida, traumas mais altos na infância foram estatisticamente associados a traumas na idade adulta. Desse modo, os autores sugerem que ao tratar pessoas encarceradas do sexo masculino, uma interação complexa entre traumas passados e atuais e dissociação deve ser considerada.

Cui et al. (2019) realizaram um estudo quanto ao esquema negativo e ruminação como mediadores da relação entre trauma infantil e ideação suicida recente em pacientes com psicose inicial, e de 314 pacientes avaliados, 90,1% experimentou pelo menos 1 evento traumático na infância. As taxas de punição física significativa, abuso emocional e eventos sexuais foram 37,3%, 35,6% e 6,4%, respectivamente. As taxas de vida e de ideação suicida recente foram de 49,8% e 32,0%, respectivamente, enquanto as taxas de vida e de tentativas de suicídio recentes foram de 17,5% e 10,0%, respectivamente. Depressão, pontuações baixas no esquema do self positivo e ruminação previram independentemente a ideação suicida recente, e o esquema negativo e a ruminação desempenharam papéis mediadores parciais ou totais na relação entre o trauma da infância e a ideação suicida recente. Em comparação com o grupo com baixo trauma de infância, as características do grupo com alto trauma na infância incluíram níveis mais elevados de depressão e ideação e tentativas suicidas, um forte esquema negativo e altos níveis de ruminação. A ruminação pode ser vista como uma característica individual estável que se caracteriza pela tendência de analisar repetidamente os próprios problemas, preocupações e sentimentos de angústia, sem tomar medidas para fazer mudanças positivas. De modo geral, os autores observaram que traumas e eventos sexuais, têm maior probabilidade de causar esquema negativo e, subsequentemente, levar à ideação suicida. São dados que destacam a importância de realizar avaliações cuidadosas do trauma infantil e do suicídio e do desenvolvimento de estratégias eficazes para reduzir os fatores mediadores que podem ser passíveis de abordagens psicossociais.

Fuchshuber et al. (2018) realizaram um estudo quanto aos sintomas depressivos e comportamentos de dependência em jovens adultos após o trauma na infância, e identificaram que a ligação positiva entre o trauma da infância e a depressão é mediada por uma disposição emocional primária em direção à diminuição da buca e aumento da tristeza, enquanto sua associação com comportamentos de dependência é mediada por déficits na organização da personalidade. Há uma forte correlação entre as emoções primárias e a organização da personalidade, além de haver um resultado sugestivo de que as emoções primárias

influenciam a formação da estrutura da personalidade. Os fatores de trauma de infância, emoções primárias e organização da personalidade diminuem a correlação entre comportamentos de dependência e sintomas de depressão quando considerados em um único modelo preditivo. A diminuição da busca e o aumento da tristeza descrevem com muita precisão os sintomas de depressão, enquanto sua associação com comportamentos de dependência permaneceu reprimida pela influência da estrutura da personalidade. As experiências traumáticas da infância estão de forma indireta associadas a ambos os transtornos. A reestruturação das disposições problemáticas em relação à busca e tristeza pode ser especialmente importante no tratamento da depressão. Há uma relação interdependente entre emoções primárias e organização da personalidade, bem como uma correlação significativa entre depressão e vício.

Hosang et al. (2018) buscaram comparar a depressão unipolar e o transtorno bipolar com os maus-tratos na infância em morbidade médias em adultos com transtornos do humor, e identificaram que maus-tratos na infância podem desempenhar um papel mais forte no desenvolvimento de doenças médicas em indivíduos com transtorno bipolar em comparação com aqueles com depressão unipolar. O abuso infantil exerce um efeito mais forte na morbidade médica de adultos em transtornos de humor em relação à negligência infantil. Indivíduos que foram maltratados com transtorno de humor, especialmente transtorno bipolar, podem se beneficiar mais com os esforços de prevenção e intervenção relacionados à saúde física.

Waikamp e Serralta (2018) avaliaram as repercussões do trauma na infância na psicopatologia da vida adulta com 201 pacientes em busca de psicoterapia psicanalítica, e observaram que os indicadores totais de trauma e de severidade geral dos sintomas, obtiveram maiores correlações positivas que comparados entre os tipos de trauma e grupamentos específicos de sintomas, o que sugere que o sofrimento proveniente da sintomatologia atual desses pacientes está positiva e diretamente associado aos episódios de traumas infantis que sofreram. A amplitude e intensidade dos traumas infantis, sem exceção de nenhum tipo, reforçam a existência da falha primária no cuidado emocional em relação ao sofrimento psicológico na vida adulta. Além disso, identificou-se que os traumas na infância e a idade explicam 13% da variância da severidade geral da psicopatologia, o que indica que os traumas infantis são preditivos para a psicopatologia no adulta, além de indicar que a maturidade contribui para uma dos efeitos adversos das experiências negativas na infância.

Considerações Finais

A pesquisa de artigos demonstrou que os traumas infantis impactam diretamente na vida adulta, causando diversos transtornos, como depressão, estresse, ansiedade, transtorno alimentar, transtorno do pânico, bipolaridade. Os achados não indicam um padrão seguido por adultos que sofreram trauma na infância, uma vez que os estudos são distintos, o que significa que o trauma na infância pode causar diferentes psicopatologias na vida adulta.

Apesar de alguns estudos apresentarem resultados onde os próprios autores definem como discordantes do que se entende na psicologia, é inegável o quanto o trauma na infância é um preditor para uma dificuldade na regulação emocional na vida adulta, bem como para o desenvolvimento de psicopatologias. Mesmo nos casos onde os dados se apresentaram pouco associados, os autores afirmam que ainda sim há uma relação entre o trauma na infância e as psicopatologias.

Frente ao exposto, sugere-se que psicólogos e outros profissionais de saúde mental estejam atentos em investigar o passado dos seus pacientes, visando a identificação de trauma na infância, para correlacionar ao estado psicológico atual e buscar a melhor forma de fazer a terapia ou o tratamento.

Apesar dos dados encontrados, verificou-se que há estudos publicados há mais de 5 anos com temáticas não muito debatidas no que foram publicados mais recentemente. Assim, recomenda-se que hajam mais estudos pertinentes à temática, englobando traumas infantis de todos os tipos, de modo que contribua com dados mais recentes referentes à regulação emocional de adultos submetidos a traumas infantis.

Referências

- Cui, Y., Kim, SW., Lee, BJ., Kim, JJ., Yu, JC., Lee, KY., Won, S., Lee, SH., Kim, SH., Kang, SH., Kim, E., Piao, YH., Kang, NI., & Chung, YC (2019). Negative Schema and Rumination as Mediators of the Relationship Between Childhood Trauma and Recent Suicidal Ideation in Patients With Early Psychosis. *The Journal of Clinical Psychiatry*, 80 (3), 0-0. doi: 10.4088/JCP.17m12088.
- Ercole, F. F., Melo, L. S. D., & Alcoforado, C. L. G. C. (2014). Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1), 9-12.

- Figueiredo, AL., Dell'aglio, JC., Silva, TL., Souza, LDM., & Argimon, IIL., (2013). Trauma infantil e sua associação com transtornos do humor na vida adulta: uma revisão sistemática. Belo Horizonte: *Psicologia em Revista*, 19(3), 480-496.
- Fuchshuber, J., Hiebler-Ragger, M., Kresse, A., Kapfhammer, H. P., & Unterrainer, H. F. (2018). Depressive symptoms and addictive behaviors in young adults after childhood trauma: the mediating role of personality organization and despair. *Frontiers in psychiatry*, 9, 318. doi: 10.3389/fpsy.2018.00318.
- Gambaro, E., Mastrangelo, M., Sarchiapone, M., Marangon, D., Gramaglia, C., Vecchi, C., Airoidi, C., Mirisola, C., Costanzo, G., Bartollino, S., Baralla, F., & Zeppegno, P. (2020). Resilience, trauma, and hopelessness: protective or triggering factor for the development of psychopathology among migrants? *BMC Psychiatry*, 20 (1), 1-15. doi: 10.1186/s12888-020-02729-3.
- Golshani, S., Ghanbari, S., Firoozabadi, A., Shakeri, J., Hookari, S., Rahami, B., Bahmani, D. S., & Brand, S. (2020). Dissociative Symptoms and Self-Reported Childhood and Current Trauma in Male Incarcerated People with Borderline Personality Disorder – Results from a Small Cross-Sectional Study in Iran. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 16, 2407-2417. doi: 10.2147/NDT.S266016.
- Hochman, B., Nahas, F. X., Oliveira Filho, R. S. D., & Ferreira, L. M. (2005). Desenhos de pesquisa. *Acta Cirúrgica Brasileira*, 20, 2-9.
- Hosang, G. M., Fisher, H. L., Hodgson, K., Maughan, B., & Farmer, A. E. (2018). Childhood maltreatment and adult medical morbidity in mood disorders: comparison of unipolar depression with bipolar disorder. *The British Journal of Psychiatry*, 213(5), 645-653. doi: 10.1192/bjp.2018.178.
- Kuzminskaite, E., Vinkers, CH., Elzinga, B. M., Wardenaar, K. J., Giltay, E. J., & Penninx, b. W. J. H. (2020). Childhood trauma and dysregulation of multiple biological stress systems in adulthood: Results from the Netherlands Study of Depression and Anxiety (NESDA). *Psychoneuroendocrinology*, nov., 121:104835. doi: 10.1016/j.psyneuen.2020.104835.
- Latham, RM, Quilter, E., Arseneault, L., Danese, A., Moffitt, TE, Newbury, JB, & Fisher, HL (2021). Childhood maltreatment and poor functional outcomes at the transition to adulthood: a comparison of prospective informant- and retrospective self-reports of maltreatment. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 56 (7), 1161-1173. doi: 10.1007 / s00127-020-01926-5.
- Meneguzzo, P., Cazzola, C., Castegnaro, R., Buscaglia, F., Bucci, E., Pillan, A., Garolla, A., & Todisco, P. (2021). Associations Between Trauma, Early Maladaptive Schemas, Personality Traits, and Clinical Severity in Eating Disorder Patients: A Clinical Presentation and Mediation Analysis. *Frontiers in Psychology*, 12, 1076. doi: 10.3389/fpsyg.2021.661924.
- Newbury, JB., Arseneault, L., Moffitt, TE., Caspi, A., Danese, A., Baldwin, JR., & Fisher, HL. (2018). Measuring childhood maltreatment to predict early-adult

- psychopathology: Comparison of prospective informant-reports and retrospective self-reports. *Journal of Psychiatric Research*, 96, 57-64. doi: 10.1016/j.jpsychires.2017.09.020.
- Prodanov, C. C., & De Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição*. Editora Feevale.
- Pupo, P. P. (2019). *Relação entre experiências traumáticas na infância, regulação emocional e o desenvolvimento de traços psicopáticos na adolescência*. Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
- Schreier, H., Kuras, YI., McInnis, CM., Thoma, MV., St Pierre, DG., Hanlin, L., Chen, X., & Rohleder, N. (2020). Childhood Physical Neglect Is Associated With Exaggerated Systemic and Intracellular Inflammatory Responses to Repeated Psychosocial Stress in Adulthood. *Front Psychiatry*, 11, 504. doi: 10.3389 / fpsyt.2020.00504.
- Waikamp, V., & Barcellos Serralta, F. (2018). Repercussões do trauma na infância na psicopatologia da vida adulta. *Ciencias Psicológicas*, 12(1), 137-144. doi: <http://dx.doi.org/10.22235/cp.v12i1.1603>.
- Win, E., Zainal, N. H., & Newman, M. G. (2021). Trait anger expression mediates childhood trauma predicting for adulthood anxiety, depressive, and alcohol use disorders. *Journal of affective disorders*, 288, 114-121. doi: 10.1016/j.jad.2021.03.086.
- Zavaschi, M. L. S., Satler, F., Poester, D., Vargas, C. F., Piazenski, R., Rohde, L. A. P., & Eizirik, C. L. (2002). Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 24, 189-195.